

**A FESTIVIDADE DO CÍRIO DE NAZARÉ E AS TRANSFORMAÇÕES DO
ARRAIAL: NOVAS PRÁTICAS DE LAZER NA AFIRMAÇÃO DO TURISMO
RELIGIOSO**

Recebido em: 18/07/2010

Aceito em: 02/12/2010

Lucília da Silva Matos¹

Universidade do Estado do Pará – UEPA
Belém – Pará – Brasil

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo analisar alguns processos de transformações na festividade do Círio de Nazaré e mais especificamente no Arraial de Nazaré com destaque para as ocorrências a partir da década de 1980, período no qual aconteceram grandes transformações nas festas populares com o aprofundamento da “globalização econômica e técnica” e a “mundialização da cultura” (ORTIZ, 2005, 2006a). A partir de então as festas populares, tornaram-se grandes atrativos de um mercado de bens e serviços culturais atraindo investimentos públicos e privados voltados a sua valorização. No caso do Círio de Nazaré há uma crescente ampliação dos eventos por toda a cidade de Belém e um gradativo esvaziamento do sentido de Arraial pela refuncionalização de um lugar público transformando-o em praça “sacralizada” e da transferência das atividades lúdicas públicas para espaço pertencente à igreja que mais recentemente sofreu novas intervenções tendo o turismo religioso como um dos principais objetivos.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Turismo. Religião.

**THE FESTIVITY OF "CÍRIO DE NAZARÉ" AND THE TRANSFORMATIONS IN
ITS "COUNTRY FESTIVITY FORM": NEW LEISURE PRACTICES IN THE
AFFIRMATION OF RELIGIOUS TOURISM**

ABSTRACT: This article's main goal is the analysis of a number of transformation cycles occurring in the “Círio de Nazaré”, and mostly in the country festivity form of the event, the so called “Arraial de Nazaré”, distinctively those occurring since 1980, when there were great changes in the popular festivities involving deepening of the “technical and economic globalization”, and the world-wide converted culture” (ORTIZ, 2005, 2006a). Since then the popular festivities became a grand appeal to a market of cultural services and wells, attracting public and private investments towards its valorization. Concerning Círio, there's an increasing number of events all over the city of Belém and a gradual emptiness of the

¹ Licenciada Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Este artigo foi organizado a partir de um dos capítulos da tese de Doutorado da autora intitulada “Belém em Festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré”. Tese defendida em 02 de setembro de 2010 e que contou com bolsa CAPES.

meaning of “country festivity”, by the redirected utility of public locations, turning them into “sacred public squares”, as well as the increasing of the transferences of public/ludic activities to spaces owned by the church, which recently suffered new interventions, adopting religious tourism as one of their main objectives.

KEYWORDS: Leisure Activities. Tourism. Religion

Introdução

O Arraial de Nazaré em Belém do Pará é um lugar de grande força criativa gerada pela intensa sociabilidade a partir das diversificadas práticas de lazer nele vivenciadas durante a quinzena festiva do Círio de Nazaré.

O Círio é uma manifestação cultural abrangente que acontece de forma institucionalizada desde 1793 em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. Mobiliza amplas parcelas da sociedade paraense e, cada vez mais se configura como evento expressivo do calendário turístico em âmbito nacional e internacional, acontece no mês de outubro na cidade de Belém. É resultado de todo um processo sócio-histórico, que mostra as teias de interdependência constituídas pela presença da igreja católica na Amazônia, assim como a presença do Estado, do mercado e de amplas parcelas da população local. É a partir da relação de interdependência configurada em relações não raramente conflituosas, que exigem negociações entre vários campos sociais, que o Círio de Nazaré vem se constituindo e se transformando historicamente.

Durante o período do Círio a cidade de Belém vive momentos de intensa transformação, resultante de uma multiplicidade de eventos, que tem como eixo central a procissão principal do Círio, uma manifestação com um forte apelo religioso que, como todos os eventos cuja base vem do *catolicismo popular*, tomou dimensões que extrapolam a esfera do sagrado. O sagrado e o profano estão imbricados nas celebrações. “É como se dentro de uma festa religiosa existisse uma profana e vice-versa” (DEL PRIORE, 2000, p.19).

O arraial é um lugar que expressa historicamente os muitos processos de tensão e negociação entre o *catolicismo oficial e o catolicismo popular*², por ser lócus privilegiado das manifestações profanas do Círio. A lenta transformação desse espaço-tempo da festa ao longo da história é reveladora das práticas de lazer e dos estilos de vida das diversas classes sociais que ao longo de mais de dois séculos se fizeram presente no arraial.

O principal objetivo desse artigo é analisar alguns processos de transformações no arraial de Nazaré com destaque para as ocorrências a partir da década de 1980, quando há um gradativo esvaziamento do sentido de arraial pela refuncionalização de um lugar público transformando-o em praça “sacralizada” e da transferência das atividades lúdicas públicas para espaço pertencente à igreja que mais recentemente sofreu novas intervenções tendo o turismo religioso como um dos principais objetivos.

A pesquisa na qual resultou as análises contidas nesse artigo faz parte de um esforço maior presente na tese de doutorado na qual tivemos como objetivo analisar os mecanismos de ordem econômica, política e cultural da experiência contemporânea presentes no processo de modernização de longa duração das práticas lúdico-religioso-festivas que passam a ser incorporados pelos vários grupos organizadores (igreja, Estado, empresários, artesãos, produtores culturais) no Círio de Nazaré, assim como os mecanismos que os impulsionam a construir e/ou ressignificarem os símbolos, práticas, espaços e temporalidades segundo uma economia lúdica da fé, ou seja, que tem na audiência ativada pela fé conferida à santa padroeira, Nossa Senhora de Nazaré, aliada às possibilidades de vivências lúdicas, o eixo dinamizador de um processo que mobiliza milhares de pessoas a virem à cidade participar de inúmeras atividades e consumir imagens e produtos, gerando consequente retorno financeiro para os negócios que passam a girar em torno da festa; além da legitimação social conquistada

² Sobre essa relação entre catolicismo oficial e catolicismo popular ver MAUÉS (1999, p.171).

pela circulação de outro tipo de moeda: prestígio e reconhecimento, tanto para os organizadores, patrocinadores e apoiadores, quanto para aqueles participantes em geral e turistas.

Para podermos entender essas dinâmicas que vem se processando no Círio e, no caso específico desse artigo, no Arraial de Nazaré desenvolvemos uma pesquisa de campo através da observação direta e participante. Participamos do Círio no ano de 2007 e 2008, observando, a partir de olhar disciplinado pelas Ciências Sociais, os diversos eventos e lugares festivos do Círio. Realizamos algumas entrevistas previamente estruturadas, mas também não estruturadas, ou abertas. Levantamos matérias jornalísticas sobre o Círio. Fizemos uma ampla revisão da literatura sobre o Círio de Nazaré e temáticas atinentes a tese.

Do largo de Nazaré ao centro Arquitetônico de Nazaré (CAN): intervenções para práticas “lícitas” de lazer

Podemos dizer que o Arraial de Nazaré, em perspectivas diferenciadas, existe mesmo antes do processo de institucionalização do Círio de Nazaré pelo Estado e pela igreja em 1793. Até 1981 o arraial funcionou em frente a atual Basílica de Nazaré, no então chamado largo de Nazaré – Praça Justo Chermont –, que nos últimos anos passou a ser chamada de praça-santuário. Lugar que congregou e aliou por muitos anos a feira de produtos agrícolas e vivências lúdicas variadas (dança, música, jogos, feira de produtos regionais, comércio ambulante em geral etc.); a partir de meados do século XIX experimentou as mudanças de uma cidade que, entre outros fatores, viveu um período de crescimento econômico impulsionado pela larga produção, extração e comercialização internacional do látex e passou a sentir os ares vindos de Paris, da Inglaterra e dos EUA, período no qual era criada “uma indústria e uma cultura popular do divertimento citadino” (CORBIN, 2001, p.7); foi palco para a criação e ascensão do que passou a ser conhecido como “Teatro Nazareno” (SALLES, 1994) e foi palco também das muitas manifestações lúdicas populares da região; na década de 1940 e 1950 recebeu inúmeros

cantores e comediantes brasileiros famosos nos teatros localizados em seus arredores. Ao longo de sua história o arraial passou por inúmeras intervenções por parte da diretoria da festa³ e das autoridades eclesiásticas (proibição da realização da festa, dos chamados jogos de azar, dos teatros, de brinquedos, de bebidas alcoólicas, de determinadas músicas, programações artísticas etc.)⁴, preocupados em organizar esse espaço segundo as concepções religiosas e morais vigentes.

Segundo Alves (1980), que analisou o Círio no final da década de 1970, o arraial nesse período ainda se caracterizava como uma “grande feira comunitária no próprio sentido que se diferencia da sociedade que está lá fora”, lugar de encontro entre os presentes onde se podia passar “do sagrado ao profano, da ordem à desordem, do formal ao informal, da estrutura à ‘communitas’, do puro ao impuro”, onde os contatos se davam face-a-face na recriação dos laços comunitários perdidos na sociedade (ALVES 1980, p.87).

A década de 1980 foi um período decisivo nas intervenções em diversas festividades populares, inclusive no próprio Círio. As interferências, em geral, eram realizadas na perspectiva de dar maior visibilidade a esses eventos com o objetivo de torná-los atrativos e, com isso, fazer atrativa a própria cidade aos turistas e aos empreendimentos que deles necessitavam para se estabelecer. Não é outro o sentido dos investimentos que ocorreram a partir desse período na construção de bumbódromos, sambódromos, forró-dromos etc. Com o fortalecimento do turismo religioso, muitas cidades passaram a se estruturar como cenários para essa vivência. É o caso, por exemplo, da Nova Trento em Santa Catarina, a Cidade de Aparecida em São Paulo, entre várias outras. Estas cidades vivem, em grande medida, de um

³ A Diretoria da festa é uma instituição que foi criada em 1910 a partir de um processo de tensão gerado pela hierarquia da igreja e pelos componentes da antiga Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré. A diretoria da festa é quem organiza o Círio até os dias atuais. É composta apenas por católicos do sexo masculino que, em geral, são pessoas que têm algum grau de influência junto a algumas instâncias políticas e/ou econômicas da região.

⁴ Em 1878 e 1879 houve intervenção por parte da igreja na tentativa de por fim ao arraial, em 1926 no sentido de coibir práticas “indecorosas e imorais” como os jogos de azar, o teatro e o cinema, a partir da justificativa de que tais atividades não coadunavam com os dogmas da igreja. Em vários anos tentou-se proibir jogos: 1867, 1936, 1961 e bebidas alcoólicas: 1961, (proibida durante o período das duas procissões principais) e 1975 (proibida a venda de bebidas com alto teor alcoólico no arraial) (IPHAN/MINC, 2004).

mercado gerado por uma economia lúdica da fé. No caso do Círio tivemos a construção do Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN) em 1982 e a transferência do arraial para uma área lateral de propriedade da igreja que, entre outros imóveis, demoliu o antigo cinema Moderno (desativado há muitos anos) na intenção de abrir espaço para a construção de outros equipamentos e para a implantação do Arraial nesse terreno.

O CAN foi pensado, projetado e construído com base nas seguintes justificativas: de evitar que a Basílica de Nazaré fosse sufocada pelos prédios que surgiam ao seu redor, de criar uma praça como uma espécie de prolongamento da basílica adequada para receber os fiéis que chegam acompanhando a Procissão Principal do Círio, de criar um ambiente mais higiênico e mais seguro para ser freqüentado pelas famílias⁵. O processo de construção do CAN gerou muitas polêmicas. Parte delas foi divulgada na imprensa escrita⁶. Apesar das polêmicas, o projeto do CAN e a transferência do arraial para o terreno lateral à praça foram viabilizados.

Dentre os diversos aspectos que fizeram parte desta polêmica, gostaríamos de destacar dois deles: o primeiro diz respeito à velha retórica da higiene, usada historicamente como mecanismo para dar novos usos aos espaços públicos nos processos de reforma dos espaços urbanos e intervenção nas formas de organização e práticas populares; o segundo refere-se ao sentido de transformação da praça pública na redefinição urbana de seus usos.

Sobre a ênfase dada à questão da higiene pública não temos como deixar de relacioná-la à concepção de reforma urbana presente em algumas cidades do Brasil no início da

⁵ Aspectos mencionados em matérias jornalísticas desse período. Entre as quais: 1) Conjunto Arquitetônico. Ápio de Campos. O Liberal, segunda-feira, 4 out. 1982. 2) Último arraial no largo entra na fase dos detalhes finais. A Província do Pará. Belém, quinta feira, 24 set. 1981; Arraial começa a desaparecer para iniciarem obras na praça. O Liberal, Belém, quinta feira, 5 de nov. de 1981; 3) A praça da oração. O Liberal, Belém, domingo, 10 out. 1982.

⁶ Aspectos levantados a partir de matérias jornalísticas da época: 1) O LIBERAL. Uma praça mais rica e bela ou o fim de uma festa popular? Belém, 11 abr. 1982. 2) A PROVÍNCIA DO PARÁ. Um absurdo a mais na terra dos absurdos, Belém, 27 nov. 1982. VOZ DE NAZARÉ. Padre defende praça gradeada de Nazaré, Belém, 11 abr. 1982.

República⁷ e que teve como exemplo a visão sanitarista francesa desenvolvida por Haussmann, em que o processo de reforma urbana estava sedimentado em uma visão que extrapolava a dimensão propriamente sanitária, estabelecendo-se como sinônimo de processos autoritários, inclusive com remoção da população mais pobre dos centros da cidade. O centro desta concepção tinha como alicerce a visão organicista que utiliza a imagem do corpo como metáfora da cidade. As ruas e avenidas largas facilitavam o fluxo das pessoas, e nessa perspectiva são comparadas às artérias. O corpo para ser saudável precisa ter as artérias desobstruídas. A cidade para ser saudável, crescer, se desenvolver e ser bela, deveria estar livre dos entulhos sociais. Nessa perspectiva o projeto desenvolvido representou muito mais do que grandes mudanças arquitetônicas na paisagem das cidades, representou a cena política de uma paisagem da modernidade. Mais do que uma obra de engenharia sanitária, uma operação de segregação social que limitava o livre fluxo das pessoas (LEITE, 2004).

No caso da praça pública, lugar onde por séculos aconteceu o arraial, a diretoria da festa, com aquiescência do poder público, pôs abaixo os equipamentos urbanísticos e paisagísticos existentes ali, como que para apagar da memória coletiva as práticas consideradas profanas, tão combatidas pela igreja ao longo da história, e construir uma praça que pudesse ser a continuidade da basílica, interferindo, em alguma medida, no comportamento dos freqüentadores desse lugar. E como o arraial representava um forte apelo popular e, ao mesmo tempo, era um instrumento de retorno simbólico e material importante para os seus projetos, foi totalmente “repaginado” nas suas atividades e segregado em terreno privado da igreja em sua lateral, o que possibilitou em alguma medida, certa governabilidade por parte da diretoria da festa sobre o que poderia ou não ocorrer no seu interior.

A construção e as ações implementadas na praça onde ocorria o arraial seguem o já referido manifesto da diretoria da festa de 1974 que se propunha a “racionalizar” a festa,

⁷ Ver MATOS, 2010, p. 69 - 95.

dando-lhe uma “nova ordem” a fim de cuidar de seus aspectos educacionais, turísticos e de lazer. (ALVES, 1980, p. 78). Mais especificamente, a partir da década de 1980, a diretoria da festa estimulada pela vinda do Papa João Paulo II em Belém e pelos caminhos que tomam a igreja mundial, busca criar condições para que a basílica seja reconhecida e elevada oficialmente à categoria de Basílica Santuário, o que ocorre somente em 2006 quando novas intervenções são efetuadas.

A princípio, após a inauguração do CAN em 1982 e a transferência do antigo arraial, a diretoria da festa, além de usar o espaço do CAN para missas campais e exposição da imagem da Santa à visitação dos devotos durante o Círio e durante outros grandes eventos religiosos da basílica, passou também a organizar na concha acústica com apoio dos órgãos de cultura do governo do estado do Pará e da prefeitura municipal de Belém, durante a quinzena festiva, uma série de shows para a apresentação do que a diretoria da festa chamou, no documento/manifesto de 1974 de “cultura paraense”: shows musicais de artistas regionais, concertos e corais organizados pela Fundação Carlos Gomes e pela Escola de Música da Universidade Federal do Pará e shows de alguns grupos de música e dança folclóricas da região.

Uma das principais justificativas dos responsáveis pela reforma para por fim ao arraial da praça pública em 1982 era o entendimento de que as práticas populares, assim como a aparência física do lugar expressavam “aspecto provinciano e pouco higiênico”. Nesse sentido ele precisava ser reformado para voltar a ser um espaço com as chamadas “características tradicionais”, como “lugar da família e da moral cristã”. Nessa perspectiva, as grades passaram a dar certo caráter privado a esse lugar público como uma forma de tentar modelar o comportamento em seu interior e passou a ser administrado pela diretoria da festa. O processo de revitalização da praça pública através da construção de novos elementos arquitetônicos e paisagísticos visava criar condições para que uma nova tradição fosse legitimada pelos novos usos que os organizadores do Círio desejavam imprimir neste espaço, aspecto que, até certo

ponto, foi conquistado. Os eventos constantes durante o Círio encarregaram-se de estabelecer essa lógica, a princípio num formato de valorização das expressões lúdico-artísticas da região (shows na concha acústica de música popular e danças folclóricas). A partir da década de 1990 com o crescente mercado de músicas católicas no Brasil a diretoria da festa deu início à organização do Festival da Canção Mariana e, mais recentemente, em 2005, ao Círio Musical com apresentação dos famosos padres cantores e grupos (bandas) de músicos católicos. A partir de então, os shows na concha acústica da praça santuário são, se não em sua totalidade, próximo disso, de músicas vinculadas à religião católica.

Relações entre igreja católica, cultura, turismo e lazer

Os agentes organizadores do Círio – diretoria da festa, Estado (União, Estado e Município), empresas públicas e privadas, assim como alguns grupos que atuam regionalmente no campo da cultura, dão passos, que nem sempre são unificados, mas um objetivo os une: fazer da festa do Círio, cuja base é a fé, um veículo de reconhecimento das manifestações culturais do Estado do Pará e da cidade de Belém para o país e para o mundo. O Círio é referendado por suas diferenças simbólicas na definição de estruturas socioeconômicas e culturais de natureza translocais e transociais. O que está em questão é o imbricamento cada vez maior entre cultura e economia, a partir das quais esse evento, cuja base está sedimentada no catolicismo popular – cumpre, na contemporaneidade, de forma articulada, algumas funções, entre as quais se destacam: a) é um dos principais veículos de evangelização da igreja católica; b) é um espaço-tempo gerador de sociabilidade e solidariedade entre as pessoas e, c) é um dos principais eventos canalizadores de diversificados atrativos culturais do estado do Pará em especial da cidade de Belém e, através da intercessão fé e diversão, é responsável por gerar divisas financeiras para o estado, assim como reconhecimento de seu potencial cultural para o Brasil e para o mundo.

As transformações do Círio de Nazaré na contemporaneidade estão relacionadas com as mudanças substantivas ocorridas na esfera da cultura, principalmente nas três últimas décadas. Para refletirmos sobre essa temática, passaremos a analisar alguns processos sociais importantes e balizadores da economia lúdica da fé: as relações entre a igreja católica, cultura, turismo e lazer, tendo a perspectiva do desenvolvimento econômico e social como mediador dessas relações.

Segundo Montero, 1995, no período posterior à Segunda Guerra a cultura adquire grande relevo. Diante da ocorrência do genocídio generalizado praticado pelo Nazismo no considerado berço da civilização – a Europa – e do fato dessa realidade histórica ter tido apoio significativo da população, ganhou destaque, como um problema central, a questão da produção da consciência. Pensadores como Adorno e Horkheimer trazem à reflexão a necessidade de se pensar a questão da ideologia, ampliando sua compreensão sobre o problema para horizontes mais vastos que o do Estado e dos partidos políticos. A partir de então, os meios de comunicação passaram a ser pensados como lugares da produção da consciência ideológica e da cultura no mundo contemporâneo. “É, portanto, no contexto de um revigoramento do humanismo ilustrado do pós-guerra, que o problema da cultura se torna chave para pensadores, políticos e governantes europeus” (MONTERO, 1995, p. 230). Entretanto, nesse primeiro momento, a cultura é vista praticamente como sinônimo de educação, que se configurava como “[...] a grande utopia do pós-guerra”. Através da educação acreditava-se que seria possível humanizar, ensinar a tolerância e superar a distância entre países ricos e pobres, uma vez que as desigualdades sociais eram vistas como a possibilidade de novas violências e guerras (MONTERO, 1995, p. 231).

Na década de 1950, a sombra colonial que pairava na Ásia e na África foi tomando novas cores no processo de autonomização dos povos na construção de novos Estados Nacionais. Esse advento vai colocar em questão a diversidade étnico-racial. Nações com culturas não ocidentais querem ter voz e voto, querem participar dos fóruns mundiais de decisão. Diante desse processo, o próprio ocidente procura refazer alianças e buscar garantir

cooperação econômica e cultural para a paz. Em 1945, a ONU (Organização das Nações Unidas) foi fundada através da Carta das Nações, com objetivo de desenvolver a cooperação econômica e cultural entre os estados nacionais. Outras organizações transnacionais foram criadas para desenvolver as políticas setoriais da ONU. A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) é organismo internacional voltado, em tese, para buscar resolver o problema da fome no mundo. Em 1946 foi fundada a Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura (UNESCO), órgão oficialmente especializado em proteger a liberdade humana e desenvolver a cultura. É possível perceber que a questão do desenvolvimento é incontornável e desenvolvimento e cultura estão postos nos fóruns de decisão mundiais (MONTERO, 1995).

Neste processo, a igreja católica que, se por um determinado período histórico combateu aspectos da modernidade por reconhecer nesta a responsabilidade pelo seu declínio e perda de centralidade enquanto forma e instrumento hegemônico de organização social – com a secularização das relações sociais, separação entre a igreja e o Estado, emergência das ciências e das técnicas como saberes secularizados da sociedade como um todo –, a partir do Concílio Vaticano II (1960-1965) e diante da perda de fiéis, estabelece outra relação com a modernidade e a ordem por ela produzida, considerando-a legítima. A cultura passa, então, a ser um campo privilegiado para estabelecer esse diálogo com a sociedade.

A igreja começa a dialogar com o mundo moderno e incorpora os instrumentos e conquistas das ciências, em especial das ciências sociais, e passa a apoiar avanços tecnológicos para o desenvolvimento do mundo. Como afirma Montero (1995), a igreja volta-se para os problemas do homem concreto, histórico.

Pode-se afirmar que neste movimento, que incorpora uma visão histórica do homem, se dá um deslocamento da noção de cultura tal como ela vinha sendo operacionalizada pelos organismos internacionais e pela própria igreja. Neste momento, ela deixa de ser pensada como erudição ou educação, passando a prevalecer o ponto de vista antropológico de cultura: cultura como dimensão do homem; todo homem por mais *ignorante* que pareça, por mais atrasado, é portador de uma cultura que é preciso conhecer e compreender (MONTERO, 1995, p. 232).

A partir de então, a igreja católica incorpora a cultura em suas reflexões preocupando-se também com a diversidade cultural diante das disputas políticas culturais dos chamados países do terceiro mundo (essas, ampliadas no pós-guerra devido ao processo sangrento de descolonização) na definição de suas próprias culturas, de suas especificidades, independentemente da cultura ocidental cristã, a fim de definirem seus lugares no mundo. Nessa perspectiva, em 1978, a eleição do Papa João Paulo II, de origem polonesa, é determinante. Este passa a ser o principal protagonista desse processo, elegendo a cultura como uma das principais questões de seu Pontificado, tendo criado o Conselho Pontifício para a Cultura logo após sua posse e redefinido o papel evangelizador da igreja, definindo-o, a partir de então, como diálogo, procurando entender o outro (não-cristão) em suas diferenças, afastando-se do sentido que por muito tempo prosperou no catolicismo do não-cristão tido como pagão. As viagens feitas pelos Papas, e principalmente por João Paulo II, são ilustrativas da problemática posta diante da diversidade cultural. Roma deixa de ser o centro da cristandade, uma vez que as peregrinações papais são constantes, com o objetivo de interligar no tempo e espaço as diversidades étnicas, buscando ampliar o caráter universal da igreja e, ao mesmo tempo, o seu enraizamento “nativo” (MONTERO, 1995).

A homilia proferida por João Paulo II⁸ em Belém em 1980 é esclarecedora desse novo momento pelo qual passa a igreja católica, tendo a cultura como centro desse discurso e como referência ao processo de evangelização. Em seguida, reproduziremos alguns de seus trechos para posterior reflexão:

[...] Nosso encontro se realiza na Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Belém e Nazaré nos falam antes de tudo de Jesus, o Salvador, na sua vida oculta, criança e depois jovem, no cumprimento de sua missão: ‘Eis que venho, ó Deus, para fazer em tudo a Tua vontade’ (Hb 10, 7). Belém e Nazaré nos falam também da Mãe de Jesus, sempre próxima ao Filho eterno de Deus, Seu filho segundo a carne, fiel a ela também no cumprimento de um papel de primeira importância no plano da Salvação divina: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38) [...].

⁸ Homilia do Papa João Paulo II. Belém, 8 de Julho de 1980. In: **Viagem Apostólica ao Brasil**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800708_diocesi-belem_po.html>. Acesso em: 3 fev. 2010.

3. Belém e o seu santuário de Nossa Senhora de Nazaré são monumentos do passado, como marco da evangelização e documento palpável de acentrada piedade para com a “Estrela da Evangelização”. Mas são também presente: o presente de uma Igreja viva e o presente da devoção mariana, nesta querida terra brasileira [...]. [...] Estas expressões de uma busca de Deus, ligadas ao modo de ser e à cultura de cada povo e, não raro, a estados de animo emocionais, nem sempre se apresentarão bem apoiadas numa adesão de fé. Pode acontecer até não estarem devidamente separadas de elementos estranhos à religião. No entanto, são algo de considerar e, por vezes, mesmo rico de valores a aproveitar.

Embora precisando de ser esclarecida, guiada e purificada, a religiosidade popular, ligada como norma à devoção a Nossa Senhora, sendo como lhe quis chamar o meu Predecessor Paulo VI “piedade dos pobres e dos simples”, traduz geralmente “uma certa sede de Deus” (cf. *Evangelii Nuntiandi*, 48). Assim, não é necessariamente um sentimento vago, ou uma forma inferior de manifestação religiosa. Antes, contém, com frequência, um profundo sentido de Deus e dos seus atributos, como a paternidade, a providência, a presença amorosa, a misericórdia, etc.

4. A par da religião do povo, é corrente também nos centros de culto mariano e nos santuários muito concorridos, verificar-se, por um motivo ou por outro, a presença de pessoas que, ou não pertencem ao grêmio da Igreja, ou então nem sempre permaneceram fiéis aos compromissos e à prática da vida cristã, ou ainda que vêm guiadas por uma visão incompleta da fé que professam [...].

Por conseguinte, não se perca nenhuma ocasião para esclarecer, purificar e robustecer a fé do povo fiel, mesmo quando de cunho nitidamente popular. O fato de nela ocupar lugar proeminente Nossa Senhora, como aliás sucede na totalidade da fé cristã, não exclui, nem sequer ofusca a mediação universal e insubstituível de Cristo, o qual permanece sempre o caminho por excelência para o encontro com Deus, como ensina o Segundo Concílio do Vaticano (VIAGEM..., 1980).

Homilia é como se denomina o discurso desenvolvido por um sacerdote em uma missa; sua função é a de explicar a fé, os significados dos elementos litúrgicos, o texto bíblico (elaborado pelos especialistas) para os leigos, de modo que a interpretação da bíblia realizada pelos sacerdotes se torne inteligível, consciente para os presentes. Nesse sentido, faz-se como uma conversa familiar. Segundo Le Goff (2003), a escrita foi um dos principais fatores no processo de universalização do catolicismo. As sociedades que não dominavam a escrita necessitavam de memorizar permanentemente os acontecimentos do passado de modo a não deixá-lo cair no esquecimento – daí a memorização constante dos mitos através de práticas seculares como as procissões e diversos rituais, que como símbolos, são marcadores que trazem o passado para o presente e o futuro. No entanto, como observa Ortiz (2006b, p.111), a linguagem escrita tem o papel determinante para as religiões universais no processo de normatizar as práticas religiosas, em um universo de maior amplitude simbólica.

No discurso de João Papa II em Belém (1980), podemos observar a preocupação em explicitar o caráter universal da Igreja católica e da fé cristã a partir do texto bíblico na

intercessão com as práticas diversas dos cultos marianos que acontecem no mundo e no Brasil. Esses cultos presentes nas peregrinações têm a capacidade de incorporar a diversidade dos lugares; o ritual funciona como uma espécie de “vácuo religioso capaz de acomodar práticas e perspectivas diversas sobre o mesmo símbolo e espaço”, na perspectiva de absorver e refletir uma variedade de discursos religiosos e seculares e de congregar, num único espaço, variedades de agentes sociais religiosos e não religiosos (STEIL, 2003, p. 47).

O Papa faz questão de afirmar as raízes históricas da presença evangelizadora da igreja católica em Belém e na constituição do santuário de Nazaré, reforçando seu caráter universal, mas também nativo (MONTERO, 1995), uma vez que afirma o sentido vivo da igreja no presente e a força da devoção mariana no mundo e no Brasil a partir da diversidade *cultural de cada povo*. Mostra o caráter mais aberto e conciliador da igreja com relação às práticas de devoção popular que, segundo seu discurso, embora nem sempre pareçam aos cristãos praticantes demonstrações de fé, portadoras que seriam de “elementos estranhos à religião”, devem assim ser consideradas e, por vezes, ser aproveitadas como valores.

Ao mencionar o caráter crescente da concorrência de grande número de pessoas para a visita dos santuários e centros de culto mariano, entre as quais turistas que, segundo seu discurso, são atraídos “e concorrem” quando “[a] par da religião do povo [...]” e ao enfatizar a necessidade de não se perder nenhuma ocasião para o processo de evangelização por parte da igreja “[...] mesmo quando de cunho nitidamente popular [...], está implícito o caminho que a igreja, a partir de então, trilhará e intensificará, qual seja, fazer dessas manifestações próprias do catolicismo popular e da presença constante de turistas nesses espaços monumentais reconhecidos pela Santa Sé como Santuários, realidades que aliam fé, lazer e consumo. Como salienta Silveira (2003, p.96) “o consumo de *souvenirs* “equivale simbolicamente ao consumo de bens religiosos”.

Essa homilia traz implicitamente uma adequação dos padrões da religião católica apostólica romana às novas circunstâncias de globalização econômica e de mundialização da cultura. Seu significado, assim como a prática da peregrinação do Papa tem como centro o reconhecimento da diversidade cultural dos locais, na costura do sentido universal do catolicismo. Como afirma Montero (1995), se, em outros períodos históricos as procissões serviram como formas de reduzir as diferenças das práticas de devoção popular e de tentar unir, sob a autoridade dos representantes do estado colonial e da Igreja Católica Apostólica Romana, as diferenças manifestas culturalmente das camadas populares, as peregrinações papais da contemporaneidade são uma forma de construir no tempo e no espaço, através da prática de atravessar diversas fronteiras e falar várias línguas, essa unidade (MONTERO, 1995).

Os santuários são provas reais da história, como afirmou João Paulo II, “[...] Belém e o seu santuário de Nossa Senhora de Nazaré são monumentos do passado, como marco da evangelização e documento palpável de acentuada piedade para com a ‘Estrela da Evangelização’ [...]”. Os romeiros investem seus sonhos, seus desejos nestes lugares. O movimento peregrinatório do Papa impulsiona as pessoas na mesma direção; nesse deslocamento coletivo os fiéis saem do seu enraizamento local, deslocam-se de seus espaços cotidianos para viver uma “experiência, impalpável nos dias comuns, de uma fraternidade supracultural” (MONTERO, 1995, p. 244).

Segundo Steil (2003), o que caracteriza a peregrinação “é a viagem em direção a uma experiência que ultrapassa as fronteiras locais da sociedade, onde crenças e visões paroquiais enraizadas no local são colocadas em tensão com aspectos universais da fé e das culturas” (STEIL, 2003, p. 49). Essa prática, a partir da década de 1980, torna-se recorrente no mundo. No Brasil não seria diferente – há um expressivo investimento por parte da igreja católica no processo de beatificações e canonizações e de reconhecimento de espaços como santuários. Podemos citar Madre Paulina (outorgada com o título de venerável em 1988, o que abriu

caminho ao processo de beatificação em 1991 e canonização em 2002, por João Paulo II), Anchieta (beatificado em 1980, por João Paulo II), Frei Galvão (canonizado em 2007, por Bento XVI), além de uma série de santuários católicos, tais como Padre Cícero (Juazeiro do Norte-CE), Santa Madre Paulina (Nova Trento-SC), Nossa Senhora Aparecida (Aparecida-SP), Frei Galvão (Guaratinguetá-SP), Santuário do Pai Eterno (Trindade-GO), Santuário do Cristo Redentor (Rio de Janeiro-RJ), Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré e o Círio de Nazaré (Belém-PA). Em muitos desses espaços circulam milhares de pessoas, muitas das quais fazem dessas visitas momento de vivência e renovação de fé, de compras, de conhecimento da história desses lugares, de diversão etc.

Esse reconhecimento das diferentes religiões e certa tolerância sobre essa diversidade de credos na interdependência com os processos sociais emergentes na sociedade de consumo – particularmente com as transformações iniciadas nos anos de 1970, reveladoras da “[...] expansão econômica e difusão dos bens duráveis (automóveis, computadores, jogos eletrônicos, karaokê, viagens ao exterior, entretenimento) a contenção e a frugalidade deixam de ser vistas como positividade; consumir torna-se uma virtude (ORTIZ, 2006b, p.133) – acaba por fortalecer o mercado em torno dos objetos e práticas religiosas, principalmente através do turismo. O turismo religioso traz em seu bojo duas dimensões da vida social diferenciadas e aparentemente opostas, mas que não são excludentes. Uma está relacionada com as vivências a partir de um certo grau de descompromisso e liberdade de escolha, práticas prazerosas e mundanas, características do lazer; a outra dimensão é a fé, a religiosidade que está mais relacionada com valores, ritos e tradição, a partir de uma convicção do sagrado, na tentativa de viver no interior da história um mistério que está além, que é transcendente às questões mundanas, uma vez que a referência interna da religião diz respeito a algo que está além da realidade humana e das instituições.

A experiência do sagrado se concretiza a partir de práticas humanas, e estas devem ser vistas em sua historicidade. Se é verdade que historicamente a ética religiosa do catolicismo

esteve em tensão com o econômico, cada vez mais o processo de mercantilização de objetos e práticas simbólicas no campo da religião as confundem. Freund (1975), a partir de sua leitura de Max Weber, situa as tensões entre economia e religião:

[...] oposição aos juros e à usura, defesa da esmola e da vida reduzida às necessidades estritas, hostilidade ao comércio que não podia ‘agradar a Deus’; porém, sobretudo, há uma oposição latente entre o princípio cósmico do amor e a racionalização moderna da economia com base na empresa. Com efeito, a economia moderna é uma rivalidade de interesses e sem a luta, que é o mercado, o cálculo racional não é possível. De modo geral a própria noção de capitalismo se choca com as tendências contemplativas e ascéticas das religiões da salvação, uma vez que a busca do lucro desvia o ser religioso da vida interior [...] embora de modo geral as religiões tenham encontrado uma conciliação com as forças econômicas – uma Igreja institucionalizada se torna inevitavelmente uma força desse gênero – só, entretanto, a ética puritana logrou dominar de maneira conseqüente as contradições, renunciando à universalidade do princípio do amor, para fazer do próprio trabalho um serviço de Deus” (FREUND, 1975, p. 133).

No entanto, com o processo de mundialização da cultura as fronteiras entre economia, religião e lazer vão se tornando mais porosas, o que não significa dizer sem tensões, de modo que muitas práticas próprias das vivências no âmbito do lazer e do mercado, cada vez mais estão presentes nas manifestações religiosas como forma de atrair o fiel e de trazer dividendos financeiros e de prestígio para a empresa religiosa responsável por uma série de ações, tais como o processo de evangelização e suas ações caritativas. Assim passamos a presenciar uma série de inovações como os “showmissas”, o carnaval com Cristo, a aeróbica de Jesus⁹, a espetacularização de festas populares, entre outras práticas onde a referência lúdica está imbricada às práticas religiosas. No caso do Círio de Nazaré, a Diretoria da Festa desde 2005 organiza o chamado Círio Musical, lança CDs de músicas em homenagem ao Círio, interpretadas por cantores adeptos da região; organiza exposições e leilões de artes plásticas, de fotografias, de mantos; organiza feiras de artesanato e de comidas regionais, entre outras ações que mostram o vínculo, cada vez maior, do campo religioso com outras esferas não

⁹ Ver SOUZA, André Ricardo. **Padres cantores missas dançantes**: a opção da igreja católica pelo espetáculo com mídia e marketing. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Segundo o autor, as missas dançantes proferidas pelo padre Marcelo Rossi se tornaram também um programa de passeio e lazer as quais muitas pessoas frequentam como oportunidade de entretenimento e sociabilidade. Segundo o autor, as missas, ao ganharem popularização, passaram a ser a atenção da mídia e a revigorar a Igreja Católica no enfrentamento do mercado religioso.

religiosas, tais como o mercado, a cultura, o turismo, o lazer, a política. Estas práticas não são estranhas à tradição do catolicismo no Brasil: expressam um sentido mundano que vem desde o período colonial e que a própria igreja católica tentou combater, principalmente na fase da romanização.

No caso específico do que vínhamos exemplificando sob a nomenclatura de turismo religioso, concordamos com a formulação de Steil (1998), que vê diferenças entre as práticas de turismo e peregrinação, entendendo, no entanto, que, como práticas da vida, cada vez mais, estão entrelaçadas. Nesse sentido, as estruturas turísticas acabam por encobrir, mesmo que inconscientemente, a tradição das peregrinações na sua relação com a produção do turismo religioso. As peregrinações têm servido como instrumento para estabelecer vínculos identitários entre pessoas e grupos que vivem geograficamente distantes. Nessa ótica, estabelece laços que transcendem as relações locais. Embora sejam práticas sociais realizadas em lugares específicos, “as peregrinações têm complementado e incorporado atividades translocais como o comércio e o turismo” (STEIL, 2003, p.49).

Segundo Saskia Lima (coordenadora-geral de Segmentação do Ministério do Turismo), no Brasil, na atualidade, são realizadas 1,7 milhão de viagens com fins religiosos ao ano. Quando se fala em turistas estrangeiros que vêm ao país com fins religiosos, este número chega a quase 25 mil turistas por ano. Tendo em vista esse público, o segmento turismo religioso vem sendo estimulado pelo Ministério do Turismo¹⁰.

Nessa perspectiva, uma série de eventos para organizar e estimular o turismo religioso vem sendo realizada envolvendo diversos setores, na busca de ampliar a demanda desse segmento turístico para o chamado desenvolvimento das cidades. Um exemplo de evento com esse fim foi o I Encontro de Turismo Religioso Católico, realizado em fevereiro de 2010, no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro (RJ). Com o tema “Os rumos do Turismo Religioso

¹⁰ Informação disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20100209-3.html>. Acesso em: 20 mar. 2010.

no Brasil”, o evento reuniu os principais dirigentes dos destinos turísticos religiosos católicos do Brasil – empresários, padres, prefeitos e secretários de turismo – para debater o assunto, entre os quais esteve o representante da festa do Círio de Nazaré. O objetivo do Encontro foi integrar os destinos religiosos católicos do Brasil e também oferecer subsídios ao Ministério do Turismo, que atualmente desenvolve o mapeamento do turismo religioso católico no país. Como resultado do evento, os destinos irão elaborar relatório ao Ministério do Turismo, visando à constituição de uma associação nacional para organizar o setor e a implantação de uma página na internet, além da realização de reuniões periódicas ao longo de 2010¹¹.

Percebe-se que o sentido contido nas práticas de turismo religioso com o fim de estimular os setores econômicos dos lugares com potencial para essa ação (santuários religiosos, festas populares em torno de um santo) são assumidos por grupos religiosos, empresários e administração pública, a partir do enfoque do desenvolvimento social e econômico.

Outro evento criado em 2003, tendo em vista o entendimento de que o catolicismo é um mercado promissor, é o Expocatólica, que acontece anualmente em São Paulo e funciona como uma espécie de vitrine para a venda de produtos e serviços e também como fórum para debater temas relacionados com o mercado em torno da religião católica. Segundo informações contidas no seu site, existem mais de 10.000 lojas de presentes e artigos religiosos espalhados pelo Brasil, além de livrarias especializadas e mais de 30.000 casas religiosas entre paróquias e comunidades que funcionam como difusoras da religiosidade. A Expocatólica “reúne o mercado, a mídia e a Igreja Católica, em suas mais distintas expressões, divididas entre congregações religiosas e novas comunidades e empresas do setor”. Além do espaço da exposição, ainda existem eventos paralelos “Igreja e Mercado; Santuário e Peregrino; Carisma e Vocacionado; Tradição e Modernidade; Fé e Cultura. Enfim, a diversidade católica da unidade da igreja!”. São muitos os temas criados na intenção

¹¹ Informação disponível em: <www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20100409-2.html>. Acesso em: 20 mar. 2010.

de congregar variados grupos. O Expocatólica de 2010 promoveu uma mesa de debate que contou com a participação de amplos setores da sociedade, entre os quais o Ministério do Turismo, a EMBRATUR, a Pastoral do Turismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e representantes de algumas cidades que compõem os principais destinos do segmento turismo religioso, entre as quais Belém com o Círio de Nazaré.¹²

É nítido o entrelaçamento de interesses entre as instituições religiosas, do mercado e da cultura na constituição desse segmento turístico a fim de torná-lo instrumento do professado desenvolvimento das cidades.

As estratégias e táticas na constituição do arraial como espaço público

Podemos dizer que muitas das praticas presentes na cidade de uma maneira geral, e no arraial especificamente, nos remete a perspectiva trazidas por Certeau (1994, p. 97-102) quando este autor faz distinção entre estratégias e táticas. Para o autor, as estratégias são instituições e suas ações revistas e reconhecidas como autoridade e são constituídas em campos próprios. Possuem status de ordem dominante ou podem ser sancionadas por forças dominantes. Elas se manifestam materialmente em tipos específicos de edificações e em ações que imprimem características a estes lugares e no que é produzido (as leis, linguagens, rituais, produtos comerciais, artes, invenções) como próprio “do lugar do poder e do querer próprios” se resguardando do “poder invisível dos outros”. O objetivo da estratégia é se perpetuar através das coisas que ela produz, de modo que cálculo e eficiência tornaram-se condições fundamentais para a estratégia. Uma estratégia interessa-se pela constituição de práticas homogêneas, uniformes, a fim de controlar e incluir cada vez mais pessoas na sua forma de visão. As práticas são vistas como objetos; estes devem ser observados, medidos e controlados como algo exterior, como o outro a ser ordenado. Por tática entende uma ação calculada, mas que, no entanto, não possui lugar próprio e

¹² Informações disponíveis em: <<http://www.expocatolica.com.br>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

tampouco domínio do tempo, “são artes de fazer”. O modelo tático do autor revela os indivíduos e grupos que estão dispersos, fragmentados nos espaços, eles não possuem uma base em termos de lugar, no entanto, a partir de uma dada necessidade, se reagrupam para respondê-la. Ela é fonte de improvisação, é flexível, ágil, ela ocupa as brechas deixadas entreabertas pelo sistema, no entanto, não objetiva dominar. Sabe de seu status de fraco, de sua falta de estrutura e, nesse sentido, ela se expressa na transformação das coisas que foram criadas de modo que estas passem a serem suas. A ação tática é quase invisível, silenciosa, não está presente no produto, mas na forma de usá-lo.

Essa perspectiva evidencia-se quando, ao observarmos o terreno da lateral da praça de propriedade da igreja, que passou abrigar o arraial após a construção do CAN. Vemos que ele transforma-se em praça pública pelas diversificadas formas de uso desses espaços de “sociabilidade pública”¹³ (LEITE,2004), o mesmo acontece com o CAN no decorrer do ano: é lugar de namoro, de encontro de estudantes das escolas da proximidade, local de encontro para protestos, passeatas etc. É bem verdade que isto passa a ocorrer com a existência da segurança pública ou privada com olhos mais atentos do que em praças comuns, principalmente em dias de eventos. Porém, os usos desses lugares reformados vão além dos planejados, pois eles tornaram-se públicos através de disputas, muitas vezes veladas, e de práticas de contra usos (LEITE, 2004).

Nas entrevistas realizadas em 2006 e 2007, com algumas pessoas ligadas à diretoria da festa, sobre o arraial foram novamente bastante ressaltados por esses interlocutores dois aspectos: a dimensão da importância da família e a necessidade de um lazer saudável, lícito, principalmente quando relacionado ao arraial. Em suas falas há sempre um ar saudoso de uma época em que as famílias de maior posse freqüentavam o arraial. Aspectos do passado são selecionados e alguns são destacados em detrimento de outros, criando o que Alves chamou de “retórica do

¹³ Sociabilidade pública aqui vista como “conjunto de práticas interativas, conflitivas ou não, que se estruturam no curso da vida pública cotidiana”. (LEITE, 2004, p.94).

conhecimento”. O discurso que se forja sobre a festa expressa uma ideologia através de signos recorrentes. (ALVES, 1980). Nesse sentido, o arraial é lembrado como um bom lugar do passado onde todas as classes participavam e conviviam em perfeita comunhão, no qual as pessoas iam muito bem vestidas, onde o povo cristão e respeitoso fazia um arraial sadio etc.

Antigamente o arraial era frequentado pelas famílias, apenas as famílias, só as famílias, a gente não via assalto em torno do arraial, a gente não via jovem bebendo, era todas as famílias, as tradicionais, era um local de lazer da família. [...] Existe um projeto para se colocar em prática logo, de se acabar com a venda de bebidas alcoólicas, o que não deixa de ser um contrassenso, mas tudo bem, quem é que não toma a sua, até o padre toma. Mas a proibição da venda de bebida alcoólica é para evitar o excesso, porque se as pessoas não se excedessem não tinha problema nenhuma beber, os padres bebem, nós bebemos com os padres e ninguém fica de porre. Uma coisa é você tomar cerveja, tomar o vinho numa comemoração, num jantar e a outra é você tomar uma grade de cerveja, dez garrafas de vinho, aí já é diferente. É da forma como as pessoas encaram isso e a gente acredita que a única forma de acabar com isso seria mudar o conceito do lugar como um todo.¹⁴

É interessante observar que esse tipo de retórica, que faz aflorar um passado praticamente idealizado, esteve presente no Círio em diferentes períodos históricos, e em geral sempre foi acionado quando se desejava fazer algum tipo de intervenção na festa. No entanto, como enfatiza Williams (1969), nem sempre o que pessoas de classe alta projetam para as pessoas comuns é o que elas querem. Para esse autor o sentido de *cultura comum* não deveria ser apenas a transmissão dos valores tidos como superiores, mas o respeito às práticas culturais cotidianas das pessoas comuns.

O trecho da entrevista acima é ilustrativo do que Elias (1994a) chama de “controle das emoções” como resultado de tipos específicos de processos educativos adquiridos durante toda a vida fazendo parte de um processo civilizador de longo prazo. De acordo com o autor, esse controle acaba sendo desenvolvido de maneira mais sistemática nas classes médias e altas do que nas camadas populares. Na realidade, a diretoria da festa, como sua condutora, vive uma grande contradição entre o desejo de tornar a festa cada vez mais numerosa e popular, um amplo instrumento de evangelização e de retorno financeiro para esse fim e também para suas

¹⁴ Diretor de Marketing da diretoria da festa. Entrevista concedida à autora em 8 de outubro de 2007.

obras assistenciais e, ao mesmo tempo, manter o controle total do que ali se passa, principalmente, mas não somente, sobre o que acontece em torno do lugar que se pretende sagrado, a basílica e seu entorno.

Em 2007 e 2008 observamos também a presença de muitas barracas armadas em localidades mais afastadas da basílica, fora dos arcos que delimitam o arraial, na calçada da Rua 14 de março (atrás da basílica) e também na Rua Gentil Bittencourt (em uma das saídas do arraial). Dezenas de pequenas barracas com logomarca de cervejarias vendiam nesses espaços “marginais” bebidas, churrasquinho, sanduíche, comidas típicas (vatapá, caruru, maniçoba, tacacá, espetinhos de churrasco, sanduíches.) entre outros produtos a preços mais acessíveis. Encontramos também duas pessoas com tabuleiros de jogos de aposta em dinheiro, prática que, segundo eles próprios reconheceram, é proibida no interior do arraial.

Nesse mesmo período observamos ainda que algumas barracas de comidas típicas e de vendas de produtos religiosos passaram a ser armadas fora do espaço destinado para o arraial, na lateral do gradeado do CAN, à Rua arcebispo Gaudêncio Ramos. Por sua vez, uma feira de artesanato organizada pelo SEBRAE passou a ser armada nessa mesma rua, na outra extremidade, na lateral da Basílica para a venda de produtos apreciados pela classe média de “bom gosto” que volta em maior quantidade a circular às proximidades da basílica.

É possível afirmar que, cada vez mais, a diretoria da festa leva para mais perto da basílica e para fora das mediações do arraial (parque) as manifestações que ela julga mais pertinentes diante do novo projeto que viria a ser anunciado. Observamos, nesse sentido, certo esvaziamento do espaço que foi demarcado como arraial, não em termos de frequência de pessoas e de sociabilidade (o arraial está sempre lotado na quinzena festiva e é frequentado majoritariamente por pessoas das classes populares), mas pelo deslocamento de diversas atividades culturais do Círio para o CAN e outros espaços modernizados e/ou enobrecidos da cidade.

Isso ocorre também em função da existência de variadas programações “profanas” por toda a cidade¹⁵. Belém durante a quinzena festiva se transforma “em um grande arraial” – é bem verdade que já não podemos falar da presença do vínculo comunitário no arraial da forma como foi expresso por Alves (1980). Sabemos que muitas relações comunitárias existem na cidade por ocasião da festa. No entanto, nos lugares onde se concretiza a festa-espetáculo, com seus novos aparatos técnicos e estéticos, outros tipos de vínculos sociais são acionados. Cada vez mais as práticas desenvolvidas na festa têm o consumo como mediador das relações. É o que expressa em entrevista o diretor de marketing da diretoria da festa, ainda em 2007, ao antecipar o anúncio que viria a ser feito oficialmente em 2008 sobre a nova intervenção programada para 2009 e 2010 no arraial:

A minha opinião era de se fazer um grande projeto de lazer com esse cunho religioso para que as pessoas pudessem se divertir e ter esse espaço o ano inteiro não somente durante os 15 dias da festa de Nazaré e um pouco mais em novembro. Mas que fosse um parque temático para ficar funcionando o ano inteiro, talvez um *shopping* de compras de produtos religiosos. Hoje qualquer coisa é produto religioso. Hoje, graças a Deus, nós podemos envelopar, nós podemos colocar a Nossa Senhora de Nazaré em qualquer coisa, caneta, camisa, calça, *notebook*, *mouse pad* (...) A Diretoria da festa, de arraial, administra esse espaço, mas ela não tem poder de polícia sobre este espaço. Ela só teria em outras circunstâncias, se a ideia do espaço for completamente diferente. Tipo: derruba tudo e constrói tudo de novo com uma outra linguagem. Assim teríamos mais uma opção de lazer na cidade puxando as pessoas para a igreja.¹⁶

Em 04 de fevereiro de 2009 a arquidiocese de Belém, a diretoria da festa de Nazaré e a congregação dos padres Barnabitas anunciaram, em coletiva à imprensa, as mudanças que ocorreriam no arraial em 2010, a fim de transformá-lo em um “complexo artístico-cultural” composto por barracas por eles denominadas de tradicionais, vendas de artigos artesanais, exposição de artistas e alguns poucos brinquedos como, por exemplo, o carrossel.

Essa entrevista coletiva mexeu com vários setores da sociedade local e fez com que o Ministério Público Federal convocasse o vigário da basílica de Nazaré para uma

¹⁵ Costa (2004), ao desenvolver pesquisa sobre o circuito bregueiro em Belém, revela um enorme circuito que passou a fazer parte do “calendário não oficial” da festa de Nazaré. Festas e bailes que anualmente acontecem por ocasião da quinzena festiva, principalmente na periferia da cidade: bailes dos romeiros, bailes da saudade do Círio, festa de balneários, festas de vizinhança, festas em locais públicos, festas da ressaca e festas de despedida dos romeiros.

¹⁶ Diretor de Marketing da diretoria da festa. Entrevista concedida à autora em 8 de outubro de 2007.

audiência, tendo em vista esclarecer a matéria anunciada pelo fato de que o arraial, como um dos elementos integrantes do Círio de Nazaré e reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio imaterial do Brasil, não poderia ser modificado sem que para isso as instituições responsáveis pela proteção do patrimônio fossem consultadas. Por ocasião da audiência a diretoria da festa argumentou que não se tratava de acabar com o arraial, mas modificá-lo, haja vista que seu atual formato “trazia risco para a saúde da população”, causava transtorno para os moradores dos arredores devido ao “barulho, gritaria e confusão”, além de “gerar bebedeira, embriaguez, inclusive de menores, confusão, brigas, barulho infernal, utilização de drogas e imundices, o que pode ser confirmado por depoimentos de moradores do entorno da basílica, como também por policiais”¹⁷.

Tais reformas, como as anteriores, geram polêmicas na sociedade local, uma vez que na tentativa de redefinir os usos públicos desses espaços durante o Círio de Nazaré, não são levados em consideração os usos que os moradores, trabalhadores e frequentadores fazem desses lugares e os sentidos que lhes atribuem.

Esse projeto é apenas o início do que a DF tem anunciado para os próximos anos: ao conseguir o terreno do Exército existente nas proximidades da basílica, pretende ampliar a dimensão do complexo mariano e transformar a área em espaço semelhante ao de Aparecida do Norte-SP com área para estacionamento de grandes ônibus de turismo, complexo de restaurantes e lojas, com vendas de *souvenires*, além de ampliar o atendimento aos peregrinos iniciado com a construção da “Casa de Plácido”.

Fazer do Círio de Nazaré, da Basílica Santuário e Praça Santuário um espaço permanente de visitação turística é o grande objetivo da diretoria da festa com apoio dos

¹⁷ Parte do texto assinado pelo arcebispo metropolitano dom Orani João Tempesta, pelo padre José Ramos das Mercês, reitor da basílica santuário, pelo padre Raimundo Jacques, pároco da basílica e por Cezar Neves (Coordenador do Círio). Disponível em: <<http://noticias.pgr.mpf.gov.br/noticias-do-site/meio-ambiente-e-patrimonio-cultural/reformas-no-arraial-de-nazare-so-serao-feitas-se-aprovadas-pelo-iphan-e-mpf/>>. Acesso em: 2 fev. 2010.

órgãos governamentais e empresas interessadas no desenvolvimento do setor turístico da região. Isso porque o Círio de Nazaré, como marcador do tempo-espaço da celebração das devoções a Nossa Senhora, concorre com a festividade de Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do Brasil, no dia 12 de outubro. Como bem observa Costa et al. (2007, p.16):

Há uma diferença importante entre eventos como o Círio, que resulta da sagração do lugar por um tempo determinado (a criação e recriação de um espaço-tempo), e lugares permanentemente sagrados, como Fátima, em Portugal, ou Juazeiro do Norte e Aparecida do Norte, no Brasil. Fora da “quadra nazarena” se perde a áurea sagrada do espaço, em Belém do Círio. Em Aparecida da padroeira do Brasil, por seu turno, os espaços são sagrados, independentes da temporalidade: o porto, o Santuário Maior, o Santuário Menor e outras atrações não precisam de tempos sagrados para receber os visitantes. Assim como não tem tempo o poder dos lugares onde o Padre Cícero Romão Batista fez seus milagres. Nesses casos, o espaço possui, independente do tempo, a capacidade de ligar os fiéis às divindades.

É no sentido de fazer do em torno da basílica espaço de visitação de turistas o ano inteiro que uma série de modificações vem sendo implementadas: o calendário do Círio se amplia durante o ano e intervenções nas proximidades da basílica foram realizadas: os arcos da Av. Nazaré que eram projetados somente para o período do Círio, a partir de 2006 foram construídos em estrutura fixa, podendo a cada evento do calendário das comemorações da Basílica, ser redecorados e iluminados. Além disso, foi inaugurada a loja de *souvenirs* “Lírio Mimoso”, a casa de acolhimento ao romeiro “Casa de Plácido”, bem como realizada uma significativa reforma da Praça Santuário em 2007 e, no início de 2010, presenciamos a demolição dos bares do arraial que funcionavam o ano inteiro e a conseqüente saída dos trabalhadores que, há muitos anos, dali tiravam seu sustento com seus bares e restaurantes e a transformação provisória desse espaço (arraial) em estacionamento fora do período do Círio. Durante a festa de 2010 ainda presenciamos como nos anos passados a montagem de muitos brinquedos de parque de diversão, barracas de comidas típicas e objetos variados. O diferencial era a presença de um rígido policiamento no arraial e nas ruas próximas da basílica com proibição de comercialização de bebidas alcoólicas e a presença de ambulantes.

A proposta de usos para o arraial no período do Círio até esse momento anunciada segue o formato de espaço “mix de lazer”, lugar onde se concentra o parque e barracas de produtos variados (religiosos, artesanais, comidas típicas da região, brindes, etc...) e na chamada Praça Santuário: missas campais, visitação da imagem de Nossa Senhora de Nazaré ali exposta e na concha acústica da praça shows de músicas relacionadas com a fé católica.

Considera es Finais

Assumir um projeto como este, de transformar um lugar central da cidade em um espaço de visita o de turistas, de lazer e compras, significa aliar-se a outras institui es, neste caso, com o mercado (turismo, comunica o, informa o) que passa a ser o mediador do lugar sagrado, viabilizando junto às empresas e os governos locais as condi es materiais, estruturais e financeiras para o sucesso desses empreendimentos, na articula o das agências de viagens, hotelaria, transporte, programa es variadas no âmbito do lazer etc.

Essa concep o nos permite pensar o lugar da devo o, da festa, da vivência das práticas de lazer e diversão como que penetrado pelas forças socioeconômicas e simbólicas hegem nicas. Isso se d  a partir de mecanismos institucionais de constitui o de uma economia lúdica da fé relacionada, por sua vez, ao sistema mais amplo de acumula o de capital e às estruturas de comunica o e informa o.

No entanto, não podemos deixar de levar em considera o que com a existência de uma cultura de consumo, há uma tendência de se empurrar a cultura para o centro da vida social, por isso se faz necessário estar atento para como os signos e imagens estão sendo usados e quem são os agentes responsáveis por sua produ o e dissemina o, uma vez que as práticas de consumo são reveladoras também de um desenvolvimento ativo de estilo de vida. E, nesse sentido, alguns bens podem entrar e sair da condi o de mercadorias na medida em que se deslocam da produ o para o consumo, além de poderem ser “consumidas simbolicamente de diversas maneiras (contempladas, desejadas, comentadas, fotografadas ou

manipuladas)” (FEATHERSTONE, 1995, p. 35). Os bens são usados para marcar diferenças sociais e também para transmitir mensagens (BOURDIEU, 2007).

A divergência e o conflito animam a dimensão política e a “sociabilidade pública” (LEITE, 2004) presentes ao longo da história no arraial. As lutas, concorrências e tensões são elementos expressivos de uma síntese da sociedade (SIMMEL, 1983). É nesse sentido que se faz importante o encontro de diferentes lugares e sociabilidades, desafiando constantemente as falas e práticas que tentam se impor como monolíticas.

Nessa perspectiva a sociabilidade gerada no arraial é ricamente complexa porque está relacionada tanto com os encontros, interações, com o compartilhar de experiências comuns entre pessoas, quanto pela possibilidade da “afirmação das diferenças através da espacialização das suas relações sociais, construídas a partir das distintas demandas e sentidos de pertencimento e reconhecimento”. Essas diferenças não apenas estão espacializadas nesse lugar, elas estão em diálogo permanente “no exercício cotidiano e público da afirmação da alteridade e das relações de poder que reafirmam e contestam desigualdades (LEITE, 2004, p. 318).

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: RS Zouk, 2007. 556 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. 351 p.

CORBIN, Alain. **A história dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001. 511 p.

COSTA, Francisco de Assis et al. O Círio de Nazaré: Economia e Fé. **Relatório Final**. Rio de Janeiro: UFPA/NAEA; UFRJ; REDESIST, 2007.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. **Festa na Cidade**: o circuito bregueiro de Belém do Pará. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. 136 p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. v.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a. 277 p.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 223 p.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975. 209 p.

IPHAN/MINC. **Dossiê Círio de Nazaré**. v.1, 2. Rio de Janeiro: Iphan/MinC, 2004.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Unicamp; Aracaju: EDUFS, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão e outros. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. 541p.

MATOS, Lucília da Silva. **Belém em Festa**: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré. 2010. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra “invenção” da Amazônia**. Religião, história, identidade. Belém: Cejup, 1999. 283 p.

MONTERO, Paula. O problema da cultura na Igreja Católica contemporânea. **Estudos Avançados**, v.9, n. 25, p. 229-248, 1995.

ORTIZ, Renato. **Um outro Território**. Ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho D'água, 2005. 206 p.

_____. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006a. 234 p.

_____. **Mundialização: Saberes e crenças**. São Paulo: Brasiliense, 2006b. 211 p.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. t. 1, 2. 548 p.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Turismo e Consumo a religião como lazer em Aparecida. In: ABUMASSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papyrus, 2003. p. 69-106.

SIMMEL Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA, André Ricardo. **Padres cantores missas dançantes**: a opção da igreja católica pelo espetáculo com mídia e marketing. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

STEIL, Carlos. **Peregrinação e turismo**: o natal em Gramados e Canela. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 22. 1998, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 1998.

_____. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo Religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papyrus, 2003. 29-52p.

VIAGEM Apostólica ao Brasil. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800708__diocesi-belem_po.html>. Acesso em: 3 fev. 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade, 1780-1950**. São Paulo: Nacional, 1969.

Endereço da Autora:

Lucília da Silva Matos
Rua Bernal do Couto, 797 - Umarizal
Belém – PA – 66055-080
Endereço Eletrônico: lucilia@uol.com.br